

Entre paráfrase e polissemia: a movência dos sentidos e dos sujeitos em “saímos do Facebook”

Between paraphrase and polysemy: the movement of senses and subjects in 'saímos do Facebook'

Rodrigo de Santana SILVA (UNEMAT)
rodrigo.santana@unemat.br

Giseli Veronêz da SILVA (UNEMAT)
giseliveronez@gmail.com

Joelma Aparecida BRESSANIN (UNEMAT)
joelmaab@hotmail.com

SILVA, Rodrigo de Santana; SILVA, Giseli Veronêz da; BRESSANIN, Joelma Aparecida. Entre paráfrase e polissemia: a movência dos sentidos e dos sujeitos em “saímos do Facebook”. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 229-242, ago./dez. 2017.

Resumo: Temos como objetivo, neste estudo, compreender os efeitos de sentido produzidos pelo enunciado *Saímos do Facebook*, exposto em um cartaz nas manifestações de junho de 2013 no Brasil, a partir da sua textualidade, ou seja, estabelecendo uma relação com o mesmo enunciado expresso em um cartaz no manifesto popular ocorrido anteriormente no Oriente Médio em 2010. Desse modo, pretendemos dar visibilidade ao trabalho da memória e da ruptura de sujeitos e de sentidos, isto é, aos movimentos parafrásticos e polissêmicos que se fundam sob essas diferentes conjunturas. Inserimos nosso gesto de interpretação no espaço teórico possibilitado pela Análise de Discurso (AD) de cunho materialista, que tem como representantes Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil. Dessa forma, como resultados desse trabalho podemos concluir que o enunciado analisado produz um efeito de reinterpretação, uma retomada de outro dizer, que se modifica, faz da memória e do esquecido o novo que é, também, passível de mudanças.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Paráfrase e Polissemia. *Saímos do Facebook*.

Abstract: The objective of this study is to understand the effects of meaning produced by the statement *We left Facebook*, exposed in a poster in the demonstrations of June 2013 in Brazil, from its textuality, that is, establishing a relation with the same statement expressed in a poster in the popular manifesto previously held in the Middle East in 2010. In this way, we intend to give visibility to the work of memory and the rupture of subjects and senses, that is, to the paraphrastic and polysemic movements that are founded under these different conjunctures. We insert our gesture of interpretation in the theoretical space made possible by the Discourse Analysis (AD) of a materialistic nature, which is represented by Michel Pêcheux in France and Eni Orlandi in Brazil. Thus, as results of this work we can conclude that the statement analyzed produces an effect of reinterpretation, a resumption of another saying, that changes, makes new the memory and the forgotten that is also changeable.

Keywords: Discourse Analysis. Paraphrase and Polysemy. *Sáímos do Facebook*.

Primeiras palavras

A insatisfação com o aumento das passagens no transporte coletivo foi corroborada pelos ciclos de discussões populares promovidos em todo o país. Em virtude disso, manifestantes foram às ruas, na cidade de São Paulo – SP, dia 16 de junho de 2013, reivindicar a diminuição das tarifas. Os protestos tomaram imensa proporção e se espalharam simultaneamente por diversas regiões do Brasil (LEVINE; ISRAEL, 2013). Durante esse contexto de revolta, um manifestante foi fotografado com um cartaz contendo o enunciado *Sáímos do Facebook*. Essa imagem, veiculada pela TV, causou-nos, num primeiro momento, estranheza na medida em que fomos instados a nos perguntar que relação o contexto virtual – representado pelo *Facebook* – estabelecia com o contexto real das manifestações. Esses manifestos, organizados a partir das mídias sociais, fundem as duas conjunturas – o virtual e o real (DUARTE; SILVA 2015) – fazendo com que o movimento das informações se processe de forma a garantir e viabilizar essas manifestações com máxima rapidez. As manifestações populares surgem enquanto vozes que soam com o objetivo de tentar coibir a hegemonia estatal, questionando em que medida o poder político pode interferir nos direitos dos cidadãos, atingindo sua qualidade de vida.

No Brasil, esses manifestos populares não são recentes e estão relacionados à busca pela afirmação dos direitos humanos, ao modelo de Estado Democrático de Direito, uma vez que, na história da constituição do nosso país, também pairam as lutas pela liberdade de expressão, pela garantia de melhores salários, de acesso à educação e à saúde etc. O que se apresenta como singular nessa série de manifestos populares que ganharam as ruas de diversas cidades brasileiras é o

modo como as manifestações foram organizadas, principalmente pelo fato de que pelo contexto virtual, por meio das mídias sociais, milhares de pessoas foram mobilizadas para protestar nas ruas, expressando alguns dizeres em cartazes, dentre eles, *Sáimos do Facebook* (SILVA; SILVA, 2015).

Com base nessas considerações, o propósito do presente artigo é o de compreender os efeitos de sentido produzidos pela formulação *Sáimos do Facebook*, dando visibilidade aos traços ideológicos que atravessam os discursos dos sujeitos que se inserem em formações discursivas advindas desses processos de manifestações.

Sustentamos nosso movimento de interpretação no aporte teórico-metodológico oferecido pela Análise de Discurso (AD) de Escola Francesa, tal como proposta por Michel Pêcheux, na França, no início dos anos 70. Ao filiar-mos nosso gesto de análise a esse dispositivo teórico, consideramos as relações discursivas entre os sujeitos envolvidos em todas as atividades relacionadas às manifestações no Brasil, tanto os que participaram diretamente das manifestações, quanto os que se manifestaram pela rede, pois os efeitos de sentido produzidos pelo dizer *Sáimos do Facebook* se constituem na imbricação entre o real e o virtual.

Selecionamos para a análise duas imagens de manifestantes fotografados durante protestos em diferentes períodos, ambos com cartazes contendo o dizer *Sáimos do Facebook*. Um dos eventos, denominado Primavera Árabe, ocorreu no Oriente Médio, em 2010, e o outro no Brasil, em 2013. Queremos dar visibilidade, por meio dessas imagens, aos modos através dos quais os efeitos de paráfrase e polissemia se estabelecem numa relação entre memória e ruptura, tanto dos sujeitos quanto dos sentidos nas diferentes manifestações.

Para sustentar nossa reflexão, faremos um percurso histórico de reflexão sobre a linguagem, que há muito tempo vem sendo debatida pelos estudiosos, mostrando como a Análise de Discurso surge numa dada conjuntura enquanto corte epistemológico e disciplina de entremeio, que coloca questões para a Linguística e para as Ciências Sociais. Em seguida, damos visibilidade aos modos de produção da paráfrase e da polissemia no enunciado *Sáimos do Facebook* sob diferentes condições de produção dos discursos, e que reverberam/deslocam sentidos e sujeitos.

Linguística moderna: condições de produção para o surgimento da Análise de Discurso

A linguagem sempre despertou o interesse do homem que vive em sociedade. Com o passar do tempo, foi proposto um ramo específico da ciência para tratar das questões da linguagem. Surge então, o *Curso de Linguística Geral*, publicado em 1916, por Charles Bally e Albert Sechehaye, resultado de anotações feitas ao longo de cursos oferecidos pelo linguista Ferdinand Saussure na [Universidade de Genebra](#) (1906–1911).

Quando Saussure inaugura a Linguística Moderna, no início do século XX, conhecida a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, provavelmente o aspecto mais importante de seu estudo inovador seja justamente a definição da língua como objeto da Linguística. Saussure afirma que a linguística se interessa por todas as manifestações da linguagem humana, mas faz uma diferenciação importante dentro da própria linguagem. Para ele, a linguagem tem duas partes: a língua, considerada essencial, e a fala, tida como secundária. Poderíamos falar dessa distinção nos termos *langue* e *parole*, ambos introduzidos por Saussure. O primeiro termo, em traços gerais, refere-se à língua como sistema de signos interiorizado culturalmente pelos sujeitos falantes, ao passo que *parole* (fala) se refere ao ato individual de escolha das palavras para a enunciação do que se deseja. Saussure ainda diferenciou os aspectos evolutivos, históricos da língua, a que denominou estudos diacrônicos; e o estudo dos estados da língua, da relação entre os elementos simultâneos, a que denominou sincrônicos.

A Linguística se apresenta como o pano de fundo a partir do qual emerge a AD. Os conceitos propostos por Saussure servem de referenciais para esse campo teórico, ainda que seu movimento ora incorpore o conhecimento da Linguística, ora o questione e, principalmente, ora o deixe de lado. A Linguística funciona como uma estrutura na qual e por meio da qual a AD se configura enquanto processo e movimento. Sob esse entendimento, traçamos um paralelo entre as condições de surgimento da AD e as implicações que esse dispositivo teórico produz sobre a Linguística de Ferdinand de Saussure.

A Análise de Discurso surgiu no século XX, mais precisamente no início dos anos 70, sendo preconizada por Michel Pêcheux, na França. Essa área de conhecimento trata das questões e manifestações da linguagem de maneira a considerar sua relação com a história e a ideologia. Assim, diferentemente do que propõe Saussure ao conferir à

Linguística seu rigor científico, trabalhando a língua enquanto sistema fechado sob ordem própria, o analista de discurso projeta seu olhar à exterioridade, colocando seu objeto, a saber, o discurso, sempre em relação a outros já-ditos na história, mas que se presentificam a partir da memória que é constitutiva de todo dizer.

De acordo com Orlandi (1999), o estudo do objeto da AD já se apresentara de forma não sistemática em diferentes épocas e segundo diferentes sentidos. Sem considerar os estudos retóricos da antiguidade, cita estudos de textos realizados por M. Bréal, no século XIX. Já no século XX, aponta os estudos dos formalistas russos, nos anos 20 e 30, como prenunciadores de uma análise diferente da tradicional na época, a análise de conteúdo, uma vez que já se perguntavam *como o texto significa* em vez de perguntarem *o que significa*. Brandão (1986), que concorda com esta colocação de Orlandi, sugere, ainda, que esta abertura em direção ao discurso não chegou às últimas consequências, pois, para a AD, seria uma análise do texto, dado que os estruturalistas limitaram-se a estudar a estrutura do texto *nele mesmo e por ele mesmo*, desconsiderando, portanto, sua exterioridade.

Etimologicamente a palavra discurso contém em si a ideia de percurso, de correr por, de movimento. O objeto da Análise do Discurso é o discurso, ou seja, ela se interessa por estudar a “língua funcionando para a produção de sentidos”. Isto permite analisar unidades além da frase, ou seja, o texto. (ORLANDI, 1999, p. 17).

Para Silva (2005), a AD considera que a linguagem não é transparente e procura detectar, então, num texto, como ele significa. Ela o vê como detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa. Portanto, com o estudo do discurso, pretende-se apreender a prática da linguagem, ou seja, o homem falando, além de procurar compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constitui o homem e sua história. Por meio da linguagem, o homem transforma a realidade em que vive e a si mesmo. O homem constrói a existência humana, ou seja, confere-lhe sentido. E é essa capacidade do homem de atribuir incessantemente sentidos que promove seu constante devir, e o das coisas, que interessa à Análise de Discurso. A AD leva em conta o homem e a língua em suas concretudes, não enquanto sistemas abstratos. Ou seja, considera os processos e as condições nos quais se produz a linguagem. Assim fazendo, relaciona a linguagem à sua exterioridade, à sua historicidade.

Dessa forma, ao enunciar *Sáimos do Facebook*, o sujeito se inscreve na perspectiva do dizível, ou seja, faz funcionar a historicidade do dizer. Assim, tanto no contexto virtual quanto no real, aquilo só produz sentidos na medida em que já tenha significado com outros dizeres, em outros lugares, independentemente. O dizer, o eixo da formulação, pressupõe um acontecimento que nos leva a filiá-lo ao um discurso, entendido, em AD, enquanto efeito de sentido que se produz naquele que vê/ouve/lê. Isso nos leva a compreender o discurso, não como algo estático e fechado, mas como aquilo que se mantém em funcionamento, relacionando-se com outros discursos e fazendo com que a memória e a ideologia se apresentem.

Sob essa perspectiva, como ressalta Orlandi (2012, p. 30),

[...] os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções do sujeito.

É importante também sublinharmos que a história, com a qual a língua mantém uma estreita relação, não se constitui como uma ordem cronológica, temporal de datas, nem como “conteúdos” da história refletidos no dizer, mas como materialidade histórica presente entre os sujeitos que permite compreender como eles (se) significam. A AD, portanto, trabalha com a relação estabelecida entre língua, história e ideologia.

A partir da delimitação de nosso campo teórico, inserimos, a seguir, nosso gesto de análise do enunciado *Sáimos do Facebook*, dando visibilidade às condições de produção do discurso e os efeitos de sentido por ele produzidos.

***Sáimos do Facebook*: espaço de constituição de sujeitos e de sentidos**

No dia 16 de junho de 2013, na cidade de São Paulo-SP, ocorreu uma manifestação que marcou o início de um ciclo de discussões a respeito do aumento das passagens de ônibus. Anteriormente a isso, haviam sido registradas, no Brasil, algumas manifestações em lugares distintos do país, mas nada que fosse tão expressivo. Foi a partir dessa data que as manifestações aumentaram progressiva e simultaneamente em todas as regiões do país e ganharam repercussão nacional e internacional.

Neste dia 16, vendo o noticiário pela TV, vimos um manifestante segurando um cartaz em que estava escrito *Sáimos do Facebook*, o que nos chamou a atenção, pois nesse momento nos questionamos sobre qual

seria o efeito de sentido produzido pelo cartaz ao citar uma rede social em meio a uma manifestação. Essa inquietação nos levou a investigar de que modo as manifestações se iniciaram no contexto virtual e em que medida as redes sociais, em especial, o *Facebook* funcionou como meio de produção e circulação de sentidos.

Refletindo sobre isso, coube-nos a posição de olhar com estranheza e nos colocarmos frente às possibilidades de exploração desses eventos (manifestações) pautados na AD que nos possibilita, por meio dos procedimentos teórico-analíticos, compreender a produção de sentidos relacionada à exterioridade que é constitutiva do discurso.

Para a AD, no processo de constituição do sujeito, o indivíduo é afetado pelo simbólico (pela língua) e interpelado em sujeito pela ideologia (PÊCHEUX, 1975). É desse modo que se constitui a forma sujeito histórica da nossa sociedade: a forma sujeito capitalista (sujeito de direito e deveres), historicamente determinada. Após a interpelação pela ideologia, temos, então, em um novo movimento, nesse processo de constituição do sujeito, a sua individuação pelo Estado, que articula o simbólico e o político, administrando as relações de poder na sociedade. Os diferentes modos de individuação do sujeito pelo Estado, através das instituições e discursos, resultam em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade, com direitos e deveres, e livre circulação social. É este sujeito individuado que vai entrar no processo de identificação.

Analisando, sintaticamente, o enunciado *Sáímos do Facebook*, podemos ver que o sujeito da oração é elíptico e remete à primeira pessoa do plural e o verbo *sair* transita para um termo de complementaridade, o adjunto adverbial de lugar *Facebook*.

Do ponto de vista discursivo, o sujeito que enuncia se insere em uma formação discursiva, ou seja, ele se expressa através das possibilidades que o grupo lhe oferece. Estando em meio às manifestações, dizer *Sáímos do Facebook* coloca o sujeito em uma formação discursiva em que assume a posição-sujeito de um representante que se identifica com os outros, expressando que as atividades de manifestação agora estão nas ruas, não mais nas redes sociais. Dessa forma, o verbo *sair* produz um efeito de sentido que nos leva à compreensão de que o *nós* em *Sáímos do Facebook*, corresponde a um enunciador coletivo, representado por todos os manifestantes que se organizaram por meio da rede social e foram para rua protestar contra o aumento das passagens de ônibus, contra a corrupção, etc.

Pensando na relação entre as mídias e o sujeito, podemos compreender os processos históricos e de identificação do sujeito a uma formação discursiva, a uma região de sentidos, que, aqui, entendemos ser a da necessidade de mudança do virtual para o real. Assim, há um processo histórico de identificação, subjetivação e tomada de posição no discurso, partindo da compreensão de que o sujeito se significa por meio de uma relação de evidência dos sentidos e dos outros sujeitos que se valem da utilização das mídias contemporâneas para tomarem um posicionamento e traçarem metas para alcançar um objetivo, que no caso é a reivindicação da redução das tarifas de ônibus e da garantia de outros direitos.

Partindo da compreensão da formação discursiva do locutor, tomaremos agora as condições de produção desse enunciado, pois:

[...] é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre ela mesma, mas é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção [...]. (PÉCHEUX, 1969, p. 16).

Em concordância a isso, vemos que sem as condições de produção o sentido fica vazio. A condição de produção é o momento, a conjunção. Então, percebe-se que o enunciador assume a posição-sujeito manifestante nas mobilizações, assim como muitos que traziam cartazes falando sobre o aumento das passagens dos ônibus, sobre os escândalos políticos, etc. Portanto, as condições de produção desse enunciado são as manifestações, principalmente a representatividade do *Facebook* para as manifestações, como o sujeito expressa no cartaz. Esses ideais de que se fala quando se refere aos sujeitos envolvidos nessas mobilizações estão em uma mesma formação ideológica, pois mesmo que o sujeito diga que é dono de si e do seu discurso ele está sendo interpelado por discursos anteriores a esses. Orlandi (1999) diz que a ideologia (relação com o poder) e o inconsciente (relação com o desejo) estão materialmente ligados, funcionando de forma análoga na constituição do sujeito e do sentido. O sujeito falante é determinado pelo inconsciente e pela ideologia.

A partir disso, temos uma relação ideológica entre os sujeitos e os sentidos, ou seja, a inserção de um sujeito em determinada formação ideológica, que de acordo com Pechêux (1990) é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, se dá de forma automática e independe de si mesmo, mas do contexto social, das formações

ideológicas que o cercam. E é a partir das formações ideológicas que o sujeito se torna capaz de produzir o seu discurso, inserindo-se em uma dada formação discursiva.

A formação ideológica tem como um de seus componentes as formações discursivas, ou seja, os discursos são governados por formações ideológicas. Passamos assim à conceituação de formações discursivas:

São as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. (BRANDÃO, 1998, p. 38).

Nesse sentido, para Vaz (2010) a noção de formação discursiva foi elaborada por Pêcheux a partir das proposições de Foucault e tem dois tipos de funcionamento: a paráfrase, que situa a formação discursiva como um sistema de paráfrases, ou seja, de constante retomada e reformulação dos enunciados, como forma de preservar sua identidade, e a polissemia que são os deslocamentos, as rupturas dos processos de significação e as construções que se diferenciam do que é construído pelo enunciado.

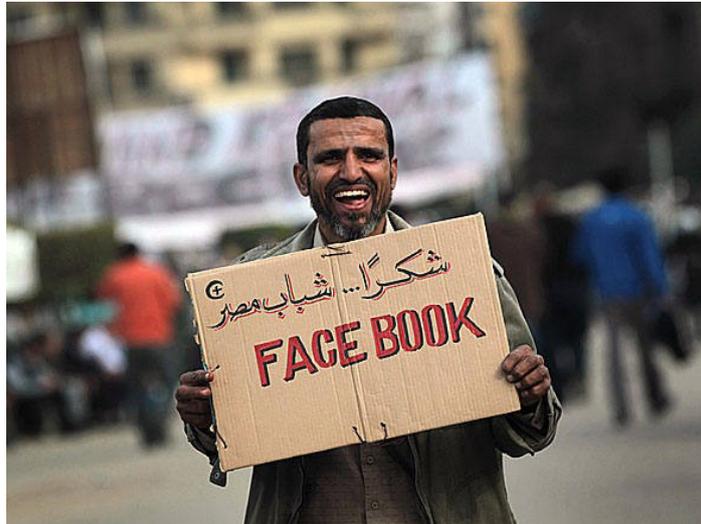
Na AD, o que está fora (a exterioridade) faz parte integrante do que está dentro (o interior). Não há dicotomia; há tensão, há contradição. Essa atividade tensional, equívoca, que se produz na trama dos sentidos, se dá em função do real constitutivo, do efeito de incompletude inerente à falta, ao furo no sistema simbólico, fazendo lugar para o possível, espaço de funcionamento do efeito metafórico.

Com relação às condições de produção do discurso, podemos fazer uma analogia com o lugar ocupado frente a um quadro de um pintor: a moldura, a luz, o ambiente, a parede em que está colocado são elementos que compõem, junto com a tela, os efeitos de sentido que vão produzir para o observador. Se estivesse em outro local, com outra moldura, sob diferente luz, em parede de outra cor, a significação já seria outra (SANTOS; MACEDO, 2013).

Como observamos no enunciado, há a presença do interdiscurso, que é a memória, o já dito. Para Orlandi (1999), o interdiscurso é o domínio da memória discursiva, aquele que sustenta o dizer na estratificação de formulações já feitas, mas “esquecidas”, e que vão construindo uma história dos sentidos. O discurso resulta assim de um efeito de sustentação no já dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderia identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do anonimato e da universalidade.

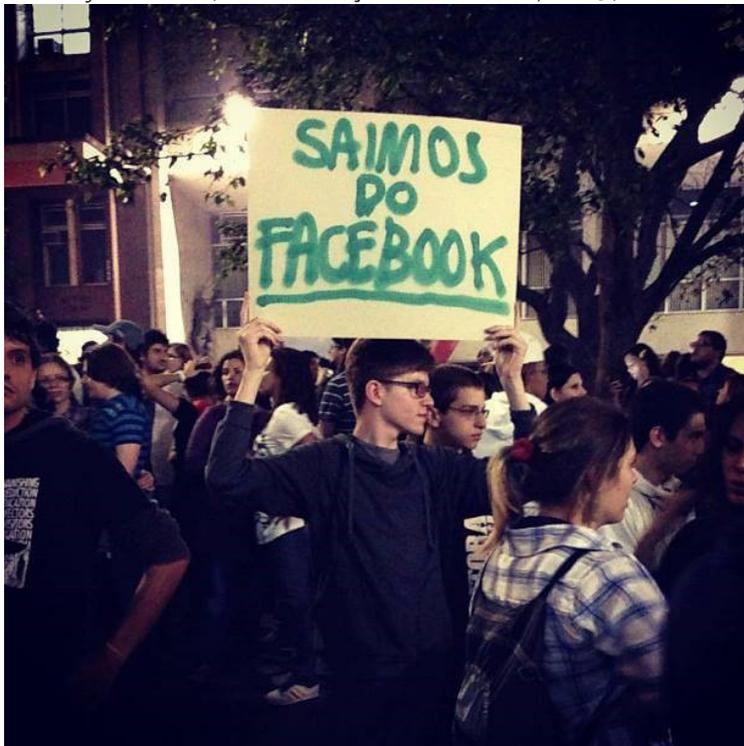
Percebemos o interdiscurso no enunciado *Saímos do Facebook* porque ele é uma retomada de um cartaz utilizado no ciclo de manifestações ocorridas na Tunísia, Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã, denominado *Primavera Árabe*. Como vemos nas Figuras 1 e 2:

Figura 1 – *Saímos do facebook* (Primavera Árabe, 2010)



Fonte: A Cor da Terra!¹

Figura 2 – *Saímos do facebook* (Manifestações no Brasil, 2013)



Fonte: Blog Ismênia Nunes²

¹ Disponível em: <https://acordaterra.wordpress.com/2013/06/24/acorda-brasil-manifestacoes-descontroladas-cheiram-a-golpes-na-america-latina/>

² Disponível em: <http://blogismenianunes.blogspot.com.br/2013/06/outono-brasileiro.html>

Os enunciados são os mesmos, mas é necessário pensarmos as questões que foram colocadas acima, ou seja, relacioná-los às condições de produção do discurso.

Os enunciados se apresentam em um espaço de regularidades enunciativo-discursivas, foram produzidos em condições histórico-ideológicas, relativos a manifestações populares e que se constituem relativamente às coerções da formação discursiva em que os sujeitos em suas posições se inscrevem.

Dessa forma, cabe-nos compreender a relação entre paráfrase e polissemia nesse enunciado. De acordo com Orlandi (1999), os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A AD relaciona os diferentes processos de significação que acontecem em um texto com a sua historicidade. É preciso observar, no jogo de sentidos produzidos pelo discurso, nesse caso a paráfrase (a repetição), a relação entre as distintas formações discursivas com a formação ideológica que rege essas relações.

Ainda para Orlandi (2012, p. 38):

A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos no mesmo objeto simbólico.

A paráfrase é entendida como o retorno aos mesmos espaços do dizer. Assim, entendemos que *Sáimos do Facebook* é uma paráfrase do enunciado que foi dito na Primavera Árabe, pois retoma, por meio da memória, o já dito. Já a polissemia é entendida por Orlandi (1999) como uma ruptura dos processos de significação, um deslocamento dos sentidos.

O primeiro cartaz está escrito em árabe, em um papelão e em vermelho, levemente sombreado pelo preto. Vale lembrar que “a cor vermelha está ligada historicamente a posições revolucionárias, transformadoras” (SILVA; MALUF-SOUZA, 2016, p. 4). O segundo, que é nosso objeto de análise, está escrito em português numa cartolina amarela, pichado com tinta *spray* verde e a palavra *Facebook* aparece sublinhada.

Mesmo que o enunciado utilizado pelo manifestante seja uma paráfrase do enunciado da Primavera Árabe, ele é polissêmico, pois

nesses espaços fortemente regidos pela simbolização das relações de poder, os sentidos são outros. Na Primavera Árabe o objetivo era derrubar os regimes ditatoriais. Começou na Tunísia com a derrubada do ditador *Zine El Abidini Ben Ali* (PEDROSO, [201-]).

No Brasil, as cores verde e amarela trazem em si uma memória. Essas cores mobilizam sentidos de patriotismo, pois são cores predominantes na Bandeira Nacional e têm sido utilizadas expressivamente em manifestações mobilizadas por classes econômicas diversas, pois são tomadas como elemento simbólico.

Nesse sentido, observamos que em *Sáímos do Facebook* há uma relação entre o mesmo e o diferente:

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. É nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 1999, p. 36).

A partir disso, podemos concluir que o enunciado *Sáímos do Facebook* produz um efeito de reinterpretação, uma retomada de outro dizer, que se modifica, faz da memória e do esquecido, o novo que é passível de mudanças, pois, de acordo com Orlandi (1999), se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura, não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos, nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa.

Considerações Finais

Durante o percurso da análise, vimos que o discurso quando proferido funciona e atinge os sujeitos a partir de determinadas condições de produção, passando geralmente despercebido por meio do efeito de evidência produzido pela ideologia. Dessa forma, consideramos esse trabalho de grande importância no que tange ao entendimento de que os sujeitos são afetados pela língua e sujeitos à ideologia, ou seja, ao imaginário que nos liga a nossas condições reais de existência.

Nessa direção, vimos que as mídias sociais atuam como ferramentas que estão a favor dos sujeitos que estão inscritos na posição de manifestantes. Em outras palavras:

O acontecimento do papel das mídias sociais como protagonistas das manifestações de junho de 2013 demonstram a força que essas mídias podem ter na constituição do sujeito e dos sentidos, no tocante à política, à formação social, aos laços sociais. (DIAS, 2014, p. 47).

No entanto, observa Dias (2014), o que temos em grande escala é a ilusão do novo, ou seja, o que vemos, frequentemente, com o uso das novas mídias é um processo produtivo que, segundo Orlandi (2001, p. 180), “produz a quantidade, a reiteração do mesmo produzindo a ilusão do diferente, o variado. [...] Não se sai do mesmo espaço dizível, se explora sua variedade, as suas múltiplas formas de a-presentar-se”. E o que precisamos é sair dessa ilusão do novo para não subestimar a força criativa da linguagem como trabalho simbólico, “mas como uma tomada da palavra cujo ato social tem suas implicações no que diz respeito ao domínio da ideologia” (DIAS, 2014, p. 55).

As interpretações feitas no desenvolver desse trabalho revelam uma elevação no nosso nível de compreensão, pois, a partir de então, sempre estaremos atentos às questões que nos são colocadas, inscrevendo nosso gesto analítico numa relação menos ingênua com a linguagem e, portanto, com os sentidos.

Referências

BRANDÃO, H. H. N. Subjetividade, representação e sentido. In: _____. **Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 33-45.

DIAS, C. P. O sujeito e as mídias: a discursividade do digital na educação. In: SILVA, A. P. de P.; SANTOS, L. I. S.; STRAUB, S. L. W. **Educação e tecnologias digitais da informação e comunicação: Discursos, práticas, análises e desafios**. Cáceres: UNEMAT Editora, 2014, p. 45-56.

DUARTE, T. A. da C.; SILVA, V. Redes sociais e construções narrativas no contexto virtual. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 08, n. 02, p. 86 - 105, dez. 2015.

LEVINE, A.; ISRAEL, E. Protestos se espalham pelo país e manifestantes ocupam área do Congresso. **G1 Política**, São Paulo, 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/protestos-se-espalham-pelo-pais-e-manifestantes-ocupam-area-do-congresso.html>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução às obras de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990, p. 61-162.

PEDROSO, I. V. C. P. Primavera Árabe. **Educação - Geografia**. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/geografia/assunto/atualidades/primavera-arabe.html>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

SANTOS, K. R. G.; MACEDO, R. G. **A importância da análise do discurso na comunicação política**. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/2a/Katia_Regiane_Goncalves_dos_Santos_-_trabalho.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SILVA, M. A. S. M. Sobre a Análise do Discurso. **Rev. Psicol. UNESP**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 16-40, 2005.

SILVA, P. A. da; MALUF-SOUZA, O. A influência da mídia na inclusão social. **Entremeios [Revista de Estudos do Discurso]**, Pouso Alegre, v. 12, p. 3-10, jan./jun. 2016.

SILVA, V.; SILVA, R. S. Das infovias às ruas: O Facebook e as manifestações sociais na perspectiva da teoria do caos/complexidade. **RUA**, v. 2, n. 21, p. 285-302, nov. 2015.

VAZ, G. **Formação ideológica e formação discursiva**. 2010. Disponível em: <<http://entrecruzandodiscursos.blogspot.com.br/2010/12/formacao-ideologica-e-formacao.html>>. Acesso em: 15 out. 2016.

Recebido em: 17 de jan. de 2017.

Aceito em: 29 de jul. de 2017.